

O GOZO EM JOGO:
O CONTÍNUO E O INFINITO
NO JOGO DO GOZO*

Ligia Gomes Víctora**

Ao pesquisar as teorias do jogo, deparei-me com as histórias de seus criadores, matemáticos ilustres, reconhecidos como inteligências superiores, e até como homens além de seu tempo. Destes, os mais conhecidos são Blaise Pascal, Georg Cantor, John Nash e Alain Turing. Estes cientistas têm, além de sua genialidade, outros fatores em comum em suas biografias; por exemplo, o fato de serem eles próprios *jogadictos*, e o fato de terem “enlouquecido”.

O GOZO COMO OPERAÇÃO MATEMÁTICA

Para não fazer aqui um diagnóstico *a priori*, digamos que nossos gênios matemáticos apresentaram um comportamento psicótico a partir de certo momento de suas vidas. Dos quatro nomes citados acima, Nash ainda vive, mas entre os que já morreram, Cantor e Turing suicidaram-se, e Pascal, que não gozava de boa saúde, provocou indiretamente sua própria morte, através

* Inicialmente, intitulei este trabalho *O jogo do gozo*. Pensava em aprofundar o tema da relação entre a dependência patológica ao jogo e as teorias dos jogos, conforme as idéias que explanei no texto do Correio da APPOA n° 118 (outubro 2003). Porém, ao apresentar minhas idéias ao Cartel preparatório à Jornada da APPOA, *A Direção da cura nas toxicomanias*, as questões que surgiram na discussão em grupo fizeram-me trabalhar por outros caminhos e reformular o primeiro texto.

** Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre; Coordenadora do Seminário de Topologia na APPOA. E-mail: ligia@victora.com.br

de penitências repetidas por anos a fio. Nessas biografias, assim como em seus trabalhos teóricos, suas cartas e diários, é tocante o sentimento de angústia frente ao desconhecido, em suas diferentes manifestações.

Aliás, não é recente a preocupação dos filósofos, físicos e matemáticos com a eternidade e a continuidade. O indefinido recebeu muitas denominações, de Aristóteles a Hegel, de Galileu a Russell: Deus, Universo, Infinito em ato ou em potência, números surreais, irrealis, transfinitos. Também as contradições e os paradoxos povoaram a vida intelectual e os sonhos dos gênios de todos os tempos, assim como o sexual e o transexualismo habitavam suas preocupações. A clonagem humana e a mudança de sexo foram alvos de estudos e experiências de Turing (que pretendia transexuar-se e clonar-se por uma célula da epiderme), e a inteligência artificial e o simulador da vida, para John Nash.

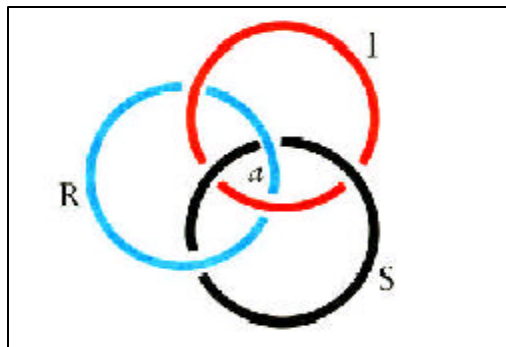
Nessas pesquisas, minha hipótese é de que estaria envolvida tanto uma busca de limites, como também um desafio a estes limites. Porém, fica claro que há, ao mesmo tempo, um gozo implicado aí.

A questão é: que espécie de gozo é esse?

– Seria da ordem do gozo *fálico* – por lidar com números e letras?

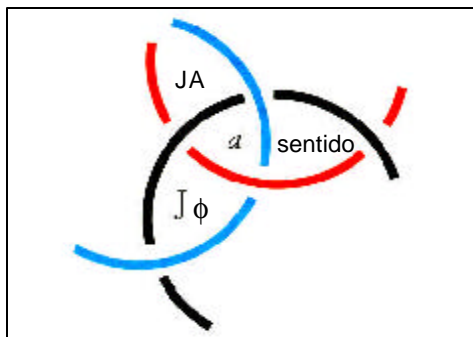
– Ou seria da ordem do gozo *Outro* – por apontar para o desconhecido?

Figura 1



Para os que não estão habituados com os termos lacanianos, explico: este é o *nó borromeano* “clássico”, trabalhado por Lacan no *Seminário RSI*. Esta corrente de três aros, também conhecida pelos matemáticos como *cadeia de nós* ou *link* (para usar os termos da topologia), representa a estrutura própria ao sujeito da neurose – uma relação entre as instâncias do Real, do Simbólico e do Imaginário. Nesta amarração, embora pareçam estar presos, os elos estão livres, o que se pode provar desamarrando qualquer um deles: os outros automaticamente soltar-se-ão.

Figura 2



Lacan situou os lugares do gozo nas intersecções do real com os outros círculos: o gozo fálico está designado pelas letras $J\Phi$ (Jouissance falique); e o gozo Outro pelo JA (Jouissance Autre).

É sempre no Real, fazendo buraco, que o gozo existe
(Lacan, RSI, 17/12/74)

Lacan inspirou-se nos existencialistas para definir o gozo fálico. Se as palavras são símbolos que vivem da morte da coisa, o gozo fálico é este encontro, entre a morte e a vida; é a capacidade própria ao *falasser* de simbolizar o que antes era simples marca, mas se, e somente se, enquanto for-sentido (caso contrário, pertenceria ao campo do imaginário) (V. Fig. 2). Assim, onde o simbólico penetra no real, temos o gozo fálico (JF). Esta dupla pertença (S e R) permitiria, também, o gozo da fala como poder de influência sobre o semelhante e todas as outras acepções do falo simbólico, como o discurso e a política. Portanto: o gozo fálico é o gozo da fala. Lembrando que o gozo fálico tem a ver com a castração simbólica: implica a submissão do sujeito às leis da linguagem.¹

Já o gozo *Outro*, assim chamado por Lacan para distingui-lo do gozo fálico (em relação ao fálico, ele é o *outro*), situa-se no campo compartilhado por real e imaginário. Este *outro gozo*, ou gozo *a mais* – também referido como gozo *suplementar* (e não *complementar*!) ao fálico – Lacan atribuiu-o às mulheres. Isso tem dado margem a confusões. Por exemplo: para tentar explicá-lo, há quem reduza o gozo *Outro* ao gozo próprio do corpo das mulhe-

¹ Para Freud, até o “gozo do idiota” (*sic*) – a masturbação – enquanto idiossincrasia, pode ser considerada dentro da linguagem, desde que, e a partir do momento em que, o sujeito esteja organizado por redes de significantes (i. é, na neurose).

res (também conhecido por *orgasmo vaginal*). Isso está completamente equivocado. Lembro mais uma vez, aqui, que gozo e prazer não são sinônimos, pelo contrário, embora na linguagem corrente sejam usados como se o fossem. Enquanto o prazer teria como efeito o relaxamento das tensões do aparelho psíquico, o gozo visaria a aumentá-las o máximo possível. Por exemplo, o gozo em apostar em jogos, assim como nos esportes radicais, não estaria no *ganhar*, mas no estado de suspensão – ou no risco – que a tensão provoca.

Por outro lado, o *gozo sexual*, exemplificado como o gozo das bactérias (Lacan, *Les non-dupes errent*), seria meramente fisiológico, do corpo. Neste sentido, não é gozo, é prazer.

Como o desejo, o gozo tem a ver com a falta, e não com a satisfação. Assim, quando as mulheres se queixam de que *não gozam*, geralmente o que ocorre é que não sentem prazer na relação sexual. Na verdade, no sentido lacaniano de *gozo*, geralmente estas são as que mais gozam...

A ESCOLA DO GOZO

Pegando de novo o fio da meada, ou melhor, o desafio, que nos amarra à questão do gozo, citarei dois exemplos que me chamaram atenção, retirados da imprensa atual.

Exemplo nº 1: a leste de São Francisco, EUA, desenvolve-se mensalmente um *Seminário sobre o gozo da mulher*. Poder-se-ia pensar tratar-se de uma jornada de psicanalistas lacanianos, se o *A* do “*da*” *mulher* estivesse escrito com letra maiúscula. Ou, de uma conferência para médicos, já que os organizadores e docentes – Steve e Vera Bodansky – são doutores em ciências, pela More University, Carolina do Norte, EUA. Porém, há coisas pouco ortodoxas nesse seminário. Para começar, o impresso que anuncia: *Descubra os segredos do contínuo e infinito: o orgasmo feminino. Vagas limitadas*.

Apesar do preço – US\$125 por 4h/aula, sendo duas teóricas e duas de aula-prática – este *Seminário* recebe grupos cada vez mais numerosos, formado por um público heterogêneo: homens e mulheres, de 20 a 80 anos, que vêm sozinhos, em casais ou em grupos. O casal Bodanski, que se diz *especialista em orgasmo feminino* e que já publicou dois livros sobre o assunto², explica: “Produzir orgasmos é muito mais fácil que aprender a tocar violão...”, e complementa: “... mas, como todo esporte ou hobby, para se tornar expert, é preciso – praticar!”³

² *Extended massive orgasme The illustrated guide of Extended massive orgasm*.

³ Traduições da autora.

Após a teoria e o *coffe-break*, a segunda parte da aula é consagrada à demonstração. Para a *demo*, a Dra. Vera (67 anos) despe-se, deita-se sobre uma mesa obstétrica, e o Dr. Steve (54) senta-se ao lado, voltado para a platéia. “Ele todo vestido, porque só utiliza como instrumento de trabalho as mãos” (*sic*)⁴. Em pouco mais de um minuto do roçar dos dedos de Steve nas *partes* de Vera, ela começa a demonstrar sinais de que está tendo um orgasmo (na reportagem há uma descrição detalhada dos indicadores físicos deste). Conforme a entrevistadora – “Vera sobe ao 7º céu, de onde só irá descer por boa-vontade e graça de seu senhor” (não por acaso, Freud referiu-se ao orgasmo como a “pequena morte!”).

O que está em jogo neste – por assim dizer – *espetáculo*? Que espécie de gozo estaria implicada aqui? Não me refiro ao gozo da Dona Vera Bodanski, mas à promessa enganosa: *descubra os segredos do contínuo e infinito...*

O MARTÍRIO DOS MORTOS-VIVOS

Exemplo nº 2: Heidelberg, Alemanha. Um professor da faculdade de medicina, Dr. Gunther von Hagens, inventou uma técnica de substituição da água das células de cadáveres por resina epóxi. Isso resulta em uma parada definitiva do processo de putrefação e na conseqüente rigidez dos corpos, que podem, então, ser expostos de pé, ou em qualquer outra posição: sentados, correndo, fazendo esportes... Eternizados, assim, em pleno vigor da vida após a morte, os cadáveres são expostos abertos, para que se lhes observem os músculos, os nervos, os vasos sangüíneos, o cérebro etc. Um dos modelos porta sua própria pele, como se fosse um casaco, numa pose que lembra o martírio de São Bartolomeu, retratado por Michelangelo no Vaticano (guardadas as devidas proporções: a diferença entre os dois é que, na Capela Sistina, vemos uma representação, pintada, de um homem-com-pele, com *outra* pele na mão, enquanto que nesta exposição é um ser humano morto, *sem* pele, e com a *própria* pele pendurada no braço!)

Chama a atenção o fato de não haver, entre os cadáveres expostos, modelos mais velhos, mas somente corpos jovens e belos, colhidos por acidentes ou doenças. Neste caso, o órgão atingido é devidamente exibido, aberto.

Esta exposição faz um sucesso enorme – quase um milhão de visitantes em um ano na Alemanha, dois milhões em sua turnê a Tóquio (onde ficou aberta 24h/dia, para atender a demanda). Já há candidatas à futura plastificação, entre eles o próprio “artista”, Dr. Von Hagens.

⁴ Cf. Reportagem da revista Marie Claire, França, setembro/2003.

O que levaria hordas a pagarem para ver esses mortos-vivos?

Claro que tanto no primeiro como no segundo exemplo, temos componentes da cultura do espetáculo, em moda na atualidade e veiculada por todos os meios de comunicação de massa. Também podemos pensar que o sucesso seja causado por uma simples curiosidade infantil (– “Como funciona?”), que anteciparia o ideal obsessivo de mestria das funções corporais. Ou podemos argumentar que o interesse pelos antigos circos de horrores sempre existiu, assim como por notícias sobre tragédias (*vide* “Diário Gaúcho”), ou mesmo que os acidentes de automóvel sempre atraíram um povo ávido por sangue, espectadores estes que asseguram também a grande afluência a filmes do tipo *trash*.

Não raramente, na imprensa marrom, encontramos notícias de assassinatos com requintes de sadismo, ou mesmo de necrofilia, que implicam o gozo perverso do corpo do semelhante. Seriam estes, pelos mesmos motivos ou da mesma ordem daqueles prazerezinhos sádicos, presentes na neurose (filmes desastre, etc...)? No meu entendimento, não: embora haja aí componentes obsessivos, também há componentes perversos.

O gozo do perverso não admite a falta, ao contrário do gozo Outro, presente na neurose. Nesse sentido diz-se que o perverso *positiviza* (-φ) (menos-fi), isto é, preenche a falta presente no desejo (Objeto a) com um objeto coisificado como real. Já o gozo Outro supõe e até inclui a falta, fazendo um buraco, imaginário, no real. Tomando uma questão de Jean-Jaques Tyszler: –“Será que o simbólico ainda é capaz de fazer buraco” no real? Ou será que estamos lidando com outros tipos de gozo?

GOZAR EM QUALQUER LUGAR...

Voltando ao nosso fio, ou desfiando o nosso nó: a busca obstinada pelos limites do gozo – que aparece de forma caricatural no comércio americano de orgasmos, ou pela “amortalidade” dos *top-models* do moderno Dr. Frankenstein, ou mesmo no grande interesse pela clonagem humana – esta busca, paixão ou *mania* (na linguagem popular), que tem provocado a desagregação da saúde mental de nossos gênios matemáticos, seria uma tentativa de abolição da escravatura do *fallasser* à castração simbólica?

Nesse caso, podemos estar vislumbrando o início de um novo tempo, onde a reprodução sexual enfim será abolida (o grande interesse pela adoção de crianças por casais homossexuais de ambos os sexos é exemplo disso), e as identificações passarão para um outro plano, fora-linguagem. Nesta nova era, quando pudermos migrar de um gênero a outro, ou melhor, de um sexo a outro – *transexuar*, pois o gênero será somente real, anatômico – então, talvez o corpo possa ser extraído da ordem imaginária, e, enfim, possa

ser tomado somente enquanto órgão real... Ou *virtual*, como se banalizou dizer do que é cibernético: como em um jogo, à la “*The game of life*”.

Expressões como “gozar a vida” ou “tu estás me gozando” antecipam esta nova era, transitivando o verbo gozar e apontando para a positividade do objeto do gozo. “Relax and enjoy”... Como diz um anúncio de preservativos em porta de farmácia em Paris: “– *Jouer par tout, par tout*” – e que alguém pichou por cima: “*Jouir par tout, par tout*”⁵ – e que eu “transduziria” por: “jogozar em qualquer lugar, de qualquer jeito...”

REFERÊNCIAS

- BODANSKI, Steve e Vera. À l'école de l'orgasm. Entrevista com Anne Sengès. Revista *Marie Claire*, Paris, set. 2003, p.132- 136.
- LACAN, J. *RSI Séminaire 1974/1975*. Paris: Associação Freudiana Internacional, 2002.
- MELMAN, Charles. *L'homme sans gravité; jouir à tout prix*. Paris: Éditions Denoël, 2003.
- TYSZLER, Jean-Jacques. La passion du continu. Les enveloppes du corps. *Cahiers de L'Association Freudienne Internationale*. Paris, 2000.
- VICTORA, L.G. O gozo do jogo. *Correio da APPOA*, Porto Alegre, n. 118, out. 2003. p. 33.
- . O falo e a fala. *Correio da APPOA*, Porto Alegre, 103, jun. 2002, p. 51.

⁵ A pichação faz um trocadilho entre *jouer* (brincar) e *jouir* (gozar).